

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE		CÓDIGO DA FICHA					
		ES	01	02	14	F11	01
		UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO	Espírito Santo
LOCALIDADE	Sul
MUNICÍPIO / UF	Divino de São Lourenço, Alegre, Mimoso do Sul, Muqui, Presidente Kennedy, Itapemirim, Jerônimo Monteiro, Anchieta, Vargem Alta, Cachoeiro do Itapemirim / ES.

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.



Vista de Vargem Alegre, com a capela de São Sebastião. Vargem Alegre, Cachoeiro do Itapemirim - ES.

Foto: Guilherme Reis, 03/05/2014.



Vista do Bairro Santo Antônio com a capela do padroeiro. Itapemirim - ES.

Foto: Guilherme Reis, 05/05/2014.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE**ES****01****02****14****F11****01**

Casa de Oração Nossa Senhora Conceição, Glorioso Mártir São Sebastião e Glorioso Santo Antônio. Jerônimo Monteiro - ES.
Foto: Bianca Pataro, 05/04/2014.



Vista da sede do distrito de Santo Antônio do Muqui. Mimoso do Sul – ES.
Foto: Raul Lanari, 15/06/2014.

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**.

SÍNTESE

A pesquisa em campo orientou-se pela identificação dos bens culturais relacionados ao universo do Jongo e Caxambu no Espírito Santo a partir de narrativas recolhidas entre os executantes da forma de expressão. O universo da pesquisa contemplou os praticantes da citada prática cultural, compreendendo os líderes dos grupos (em alguns casos chamados de mestres), os percussionistas, dançarinas, cantadores, fabricantes dos instrumentos, entre outros personagens envolvidos com o Jongo e Caxambu e que puderam narrar sobre os bens culturais que, historicamente, se associam a esta manifestação da ordem da cultura. Portanto, o universo cultural foi recortado com base no objeto da pesquisa, como exposto no projeto básico que orientou a contratação da elaboração deste INRC, delimitado de forma temática (Jongo) e territorial (Norte e Sul).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				ES	01	02	14	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Procurou-se identificar os bens culturais a partir de conversas com membros dos grupos jongueiros e das observações da recriação da forma de expressão no Sul, buscando compreender sua complexidade e contemplando a identificação de atores e significados atribuídos ao Jongo; processos de produção, circulação e consumo; contextos culturais específicos e outras informações pertinentes.

O inventário preliminar dos bens culturais considerou os grupos jongueiros como espaços sociais de recriação da forma de expressão, a partir do mapeamento realizado em 2012 no âmbito do projeto “Territórios e Territorialidades rurais e urbanas: processos organizativos, memória e patrimônio cultural afro-brasileiro nas comunidades de jongo e caxambu no Espírito Santo,” ressaltando que o desenvolvimento histórico dessa manifestação cultural apresenta no momento atual sua recriação associada a grupos delimitados, ou seja, com componentes que participam com frequência das apresentações. Segue a listagem dos grupos de Jongo e Caxambu identificados na localidade Sul:

- Caxambu Alegria de Viver - Cachoeiro do Itapemirim
- Caxambu da Velha Rita - Cachoeiro do Itapemirim
- Caxambu Santa Cruz - Cachoeiro do Itapemirim
- Caxambu do Horizonte - Alegre
- Banda de Jongo de São Benedito Sol e Lua - Anchieta
- Tambores de São Mateus - Anchieta
- Caxambu de Córrego Amarelos e Patrimônio da Penha - Divino de São Lourenço
- Jongo do Mestre Wilson Bento - Itapemirim
- Jongo-Mirim Crispiniano Balbino Nazareth - Itapemirim
- Caxambu da Andorinha - Jerônimo Monteiro
- Caxambú da Família Rosa - Muqui
- Jongo de Boa Esperança e Cacimbinha - Presidente Kennedy
- Caxambu de Castelo ou da Fazenda Santa Helena - Castelo
- Caxambu de Santo Antônio do Muqui - Mimoso do Sul

Os bens culturais significativos no contexto do Jongo e Caxambu foram identificados a partir das entrevistas com executantes ou informantes sobre a forma de expressão e da observação dos momentos em que as rodas foram recriadas no período de presença dos pesquisadores em campo, possibilitando vislumbrar e registrar seus processos de produção, circulação e consumo, além dos contextos culturais de ocorrência e de outras informações pertinentes.

Anchieta

Forma de expressão: Banda de Jongo São Benedito Sol e Lua (Bairro Centro) e Tambores de São Mateus (Comunidade de São Mateus).

Celebrações: Festa de São Benedito (Comunidade de São Mateus).

Lugares: Casa do Mestre Valentim Manoel dos Santos (Comunidade de São Mateus).

Cachoeiro de Itapemirim

Forma de expressão: Caxambu Alegria de Viver (Comunidade de Vargem Alegre), Caxambu da Velha Rita (Bairro Morro do Zumbi) e Caxambu Santa Cruz (Comunidade Quilombola de Monte Alegre).

Celebrações: Arraiá da Liberdade na comunidade de Vargem Alegre e Raiar da Liberdade em Monte Alegre.

Divino de São Lourenço

Forma de expressão: Caxambu de Córrego Amarelos e Patrimônio da Penha (Penha).

Celebrações: Festa de São Lourenço

Edificações: Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus

Itapemirim

Forma de expressão: Jongo do Mestre Wilson Bento (Bairro de Santo Antônio) e Jongo-Mirim Crispiniano Balbino Nazareth (Bairro de Santo Antônio).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				ES	01	02	14	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Celebrações: Festa de Santo Antônio (Bairro de Santo Antônio).

Edificações: Capela de Santo Antônio (Bairro de Santo Antônio).

Jerônimo Monteiro

Forma de expressão: Caxambu da Andorinha (Comunidade Andorinha).

Lugares: Casa de Oração Nossa Senhora Conceição, Glorioso Mártir São Sebastião e Glorioso Santo Antônio (Comunidade Andorinha).

Muqui

Forma de expressão: Caxambú da Família Rosa (Comunidade de São Pedro)

Presidente Kennedy

Forma de expressão: Jongo de Boa Esperança e Cacimbinha (Comunidades de Boa Esperança e Cacimbinha)

Castelo

Forma de expressão: Caxambu de Castelo ou da Fazenda Santa Helena

Edificação: Matriz de Nossa Senhora da Penha

Mimoso do Sul

Forma de expressão: Caxambu de Santo Antônio do Muqui

Celebrações: Festa Folclórica de Santo Antônio do Muqui

No que se refere às *Formas de expressão*, tem-se a observar que se trata do próprio Jongo e Caxambu, levando em conta as unidades executoras dessa manifestação cultural nos municípios alvo da investigação, os grupos como são chamados. Contudo, é necessário relativizar a estrutura como a forma de expressão é recriada na atualidade, considerando que o formato grupal é uma configuração contemporânea no processo de reprodução e transmissão do Jongo e Caxambu.

4. DESCRIÇÃO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

4.1. POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

Os municípios agrupados na localidade Sul, para efeitos deste INRC, localizam-se na região sul do Espírito Santo e possuem as respectivas populações, estimadas para 2014: Anchieta, 27.145; Cachoeiro do Itapemirim, 206.973; Alegre, 32.236; Mimoso do Sul, 27.329; Divino de São Lourenço, 4.669; Jerônimo Monteiro, 11.792; Muqui, 15.533; Itapemirim, 33.952.

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

Quanto à caracterização morfoclimática, o território compreende duas regiões naturais distintas: o litoral e o planalto, que constituem ambientes e paisagens bastante distintas. O litoral se caracteriza pela presença de uma faixa de planície ao longo da costa atlântica. A vegetação litorânea, que compreende áreas de mangue e de restinga, caracterizadas pela forte influência marinha. À medida que se adentra em direção ao interior se encontra o planalto que dá origem a região serrana, com altitudes superiores a 2.000 metros. No planalto, a vegetação é do tipo floresta tropical, densa e com árvores de grande porte. O clima da região é tropical úmido, com temperaturas médias anuais de 23°C e volume de precipitação superior a 1.400 mm por ano, especialmente concentrada no verão. A hidrografia pertence à Bacia do Atlântico, Trecho Leste. Do ponto de vista hidrológico, destacam-se os rios Itapemirim e Itabapoana, os principais da região, e seus afluentes.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	ES	01	02	14	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

4.3. MARCOS EDIFICADOS

Os marcos edificadas aqui listados correspondem à bens imóveis referências para a prática do Jongo e Caxambu nas localidade Sul do Espírito Santo e foram inventariados por sua significância cultural do universo da forma de expressão. Dessa forma, não se considerou aspectos estéticos, mas a ligação entre os exemplares imóveis e a forma de expressão. Os templos católicos, nesse sentido, foram observados como espaços que se tornaram referenciais para a prática do Jongo no instante em que abrigam festejos em louvor aos santos homenageados pelos grupos ou que se relacionam às festas em que a forma de expressão é historicamente recriada nas localidades.

Castelo: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha

Principal templo religioso do município de Castelo/ES. As obras de sua construção tiveram início no ano de 1955 e foram concluídas no ano de 1965, contando com a participação voluntária da população local, composta em sua maioria por descendentes de italianos. O templo destaca-se pela beleza de seus vitrais e pela imponência de suas torres sineiras. O adro da Matriz de Nossa Senhora da Penha é local de realização de diversos festejos religiosos, como a Semana Santa (com encenação da Via Sacra), a Festa de Corpus Christi (2 de junho), a Festa de Nossa Senhora da Penha, padroeira do município (15 de agosto), e a Festa de Aniversário de Castelo (25 de dezembro). Nessas ocasiões ocorriam apresentações do grupo de Caxambu de Castelo, porém questões políticas levaram ao paulatino abandono da prática, bem como a morte dos praticantes mais antigos.

Divino de São Lourenço: Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus

Localizada no município de Divino de São Lourenço/ES, foi inaugurada no dia 7 de outubro de 1961, tendo sido construída no local onde existiu a primeira capela do povoado fundado nos primeiros anos do século XX, provavelmente em 1902. Quando de sua fundação, o povoado foi denominado “Divino”, nomenclatura que permaneceu até sua emancipação, em 05 de junho de 1964. A Matriz homenageia o Divino Espírito Santo, ao qual as terras que formaram o povoado teriam sido dedicadas quando de sua fundação. A principal devoção da localidade é a de São Lourenço. A junção das duas homenagens religiosas deu origem ao nome que o município guarda até os dias atuais. A Matriz do Divino Espírito Santo possui centralidade na cultura religiosa do município de Divino de São Lourenço, integrando o trajeto de diversas celebrações realizadas na cidade. A principal delas é a Festa de São Lourenço, realizada no dia 10 de agosto desde a fundação do povoado no início do século XX. Destacam-se também os festejos da Semana Santa, que ocupam três dias. Nessas celebrações ocorrem apresentações do grupo de Caxambu de Patrimônio da Penha e Córrego Amarelos, atraindo grande quantidade de moradores e visitantes vindos de municípios próximos.

Itapemirim: Capela de Santo Antônio

Edificada em 1917, é a segunda construção mais antiga da cidade. Em seu adro acontece uma das mais tradicionais festividades locais, a Festa de Santo Antônio, realizada anualmente com novenário, quadrilhas, barraquinhas de comidas e bebidas, brincadeiras tradicionais e apresentações de Jongo.

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

5.1. RESUMO

A partir da segunda metade do século XIX, a difusão do café recuperou o Espírito Santo da estagnação econômica vivenciada durante o século XVIII, quando o território serviu de barreira natural às minas de ouro. Atingido primordialmente o sul do estado, a produção cafeeira expandiu-se do Rio de Janeiro e Minas Gerais para as terras capixabas. No mesmo período, a região serrana recebeu fluxos de imigrantes, principalmente italianos e alemães, que também intensificaram o plantio do café nas montanhas.

A produção de café da região Sul iniciou-se com a utilização da mão-de-obra escrava. A distribuição da população da província, sobretudo dos cativos, modificou-se consideravelmente com o florescimento das unidades produtoras de café no Sul, com a definição de novos polos escravistas nessa porção territorial. A tabela adiante, reproduzida de Campos (2011, p. 87), apresenta a distribuição populacional, incluindo livres e escravos, com a concentração de cativos aumentando na região Sul (Itapemirim) em relação à Capital, no decorrer do Oitocentos.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				ES	01	02	14	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Regiões	1824		1856		1872	
	Livres	Escravos	Livres	Escravos	Livres	Escravos
Capital	8.994	5.699	13.164	3.834	19.004	5.455
Reis Magos	5.445	1.704	8.485	1.841	10.281	2.562
Benevente	3.887	1.979	6.536	758	7.014	1.474
São Matheus	2.659	2.654	3.640	2.213	5.357	2.813
Itapemirim	2.332	1.148	4.968	3.454	17.822	10.355
Total ES	23.317	13.184	36.793	12.100	59.478	22.659

A produção cafeeira, como dito, espalhou-se também para a região serrana. Mas, nessa área, não ocorreu a utilização da mão-de-obra escrava, com os atividades sendo realizadas por imigrantes ali fixados. Assim como a explicação para a prática do Jongo no Norte do Estado vincula-se à presença de populações escravas, na porção Sul o surgimento do Caxambu, como a forma de expressão é ali normalmente designada, também se vincula à grande ocorrência de escravos atuando nas lavouras de café e desenvolvendo suas atividades de divertimento ao som de tambores. De acordo com Saletto (1996), a economia cafeeira capixaba teve seu maior desenvolvimento no Sul na região de Itapemirim.

Interessa destacar que os escravos destinados para o Sul do Espírito Santo eram, em grande parte, advindos do tráfico interprovincial, sobressaindo-se entre a escravaria os crioulos, escravos nascidos no Brasil. Saletto (1996), diz que a fonte de escravos para o Sul do Espírito Santo eram as províncias de Minas Gerais e Rio de Janeiro, o que explica o trânsito de saberes relacionados ao Jongo e Caxambu entre essas regiões (em Minas Gerais, sobretudo, na região de Carangola). Os deslocamentos das populações escravas foi assim abordado por Merlo (2008, p. 72):

Uma vez terminado o abastecimento de além-mar, a reposição dessa mão-de-obra estava comprometida e seu preço subiu rapidamente. Nas províncias do Sul, Rio de Janeiro – Vale do Paraíba – e São Paulo – região Oeste – a expansão do café exigia dos senhores maior quantidade de trabalhadores. Logo, o tráfico inter-regional de escravos tornou-se um grande negócio, tanto para quem vendia – pequenos proprietários em decadência – quanto para quem comprava – donos de grandes faixas de terra e escravarias, que precisavam de mais trabalhadores para aumentar a produção. De acordo com Campos (2011, p. 94):

[...] o desenvolvimento da agricultura capixaba na primeira metade do século XIX não dispunha de capital suficiente para adquirir com regularidade os africanos desembarcados nos portos brasileiros. Predominavam nas escravarias da Província os crioulos. Quando o café impulsionou a economia da região, o tráfico já havia cessado e o ingresso de africanos trazidos de outros pontos do país não foi capaz de modificar a paisagem humana anterior, sobressaindo-se ainda os crioulos entre os escravos.

Foi relatado por Dona Canutinha, do grupo Caxambu Alegria de Viver, de Vargem Alegre, Cachoeiro do Itapemirim, que sua avó era escrava em uma fazenda de Valença, no Rio de Janeiro, e ao ser vendida para um fazendeiro de Cachoeiro do Itapemirim foi proibida de dançar o Jongo fazendo a coreografia da umbigada, considerada na localidade como indecente e inadequada. Nesse sentido, observou-se recorrente nas narrativas recolhidas em campo na Localidade Sul da atribuição da origem do Jongo e Caxambu aos escravos que viveram na região e dos quais muitos entrevistados dizem-se descendentes, em um processo de construção identitária.

Naquele tempo [da escravidão], os negros não tinham valor. Era só trabalhar, comia e apanhava. Então a filha do rei disse para o rei que [...] se ele não acabasse com a escravidão ele também ia pra forca, igual os negros ia pra forca. Então ele pensou, pensou e um dia 13 de maio aí ele começou a fazer as coisas tudo escondida pra não falar que ele ia acabar com a escravidão. Aí ia ser o dia da liberdade, 13 de maio, né? Aí quando foi no dia 13 de maio o povo foi para trabalhar e aí ele mandou que uns fossem cortar lenha [...] que as sinhás fosse matar galinha, outros foram matar porco, essas coisas assim pra fazer um festão, mas ninguém sabia não, era tudo escondido. E ele mandou fazer uma bandeira. Então quando foi, assim, na hora do almoço, aí tocava uma corneta, pro povo vir almoçar. [...] Nesse dia quando ele tocou a corneta aí ele chegou na varanda e disse que, e abriu aquela bandeira, e falou que tinha raiado a liberdade. Então o povo, daquele dia em diante, cada um ia fazer pra si e não era escravo mais, que a escravidão tinha acabado, tinha raiado a liberdade. [...] Aí diz que tinha, os que carregava a lenha, aí fez aquele monte, nem sabia fazer fogueira, fez aquele monte de pau pra poder botar fogo, e mandou, o rei mandou apanha uns caixote, aqueles que era mais inteligente batia e cantava, mas não tinha nem instrumento, não tinha nada. E justamente esse Caxambu que nós temos ainda é do tempo da escravidão.¹

A minha descendência é da África. [...] Eu sou da África. Eles, os pais deles vieram da África. Então eu também tenho que ter essa descendência. [...] Eles, os antigos, dentro da senzala, na

¹ V-Jongo_Entrevista-Maria Laurinda_Reis, Guilherme_Cachoeiro do Itapemirim-ES_03-05-2014_28m58s

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				ES	01	02	14	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

hora que eles tinham aquela liberdade pra ir dormir, que era difícil, né? Eles começavam, eles viravam caixote de querosene [...] viravam dentro da senzala, ninguém ouvia, os fazendeiros iam dormir, e eles ficavam ali inventando música [...] eles inventavam aquelas letrinhas, iam fazendo as músicas, iam cantando, e várias músicas, duas letrinhas, duas, três só. [...] E eles brincava aquela Caxambu, mas baixinho pra ninguém ouvir.²

Pelo que se nota, a intensa participação de negros escravizados no conjunto populacional do Sul do Espírito Santo também se coloca como elemento que propiciou a existência do Jongo e Caxambu. As rodas dessa forma de expressão, segundo os relatos, surgiram nas senzalas como distração após a labuta nas plantações. Além disso, foi narrado que os tambores soaram para celebrar a libertação dos cativos. Essa continuidade da forma de expressão no Sul do estado após a libertação pode ser atribuída, assim como no Norte, à fixação das populações escravas após a abolição, a constituição de famílias e a perpetuação das linhagens. De forma semelhante ao quadro encontrado no Norte, os executantes da forma de expressão apresentam baixa renda (famílias com renda de até três salários mínimos), constituindo-se de lavradores e donas de casa, com formação escolar elementar ou inexistente, em grande medida, e grade participação dos componentes dos grupos em programas de distribuição de renda do governo federal, como o Bolsa Família.

Com o final do período escravista e a transição para o trabalho livre não houve no Sul do estado condições para a manutenção das grandes fazendas, com a estrutura fundiária organizando-se em torno de pequenas propriedades familiares, vinculadas ao café. Essas propriedades de pequeno porte tiveram origem no partilhamento das fazendas, cujas terras foram sendo adquiridas por colonos ao longo do tempo. Entre as comunidades em que foram identificados grupos de Jongo e Caxambu no Sul capixaba, observou-se que a forma de expressão ocorre, sobremaneira, no meio rural, em áreas que abrigaram núcleos populacionais constituídos após a abolição da escravidão, com a fixação dos libertos.

5.2. CRONOLOGIA	
DATA	EVENTO
Século XVI	Início da ocupação histórica do atual Estado do Espírito Santo.
Século XIX	Grande fluxo de africanos para o Brasil, com destaque para a região de Benguela (atual Angola) de onde, possivelmente, o Jongo foi trazido.
1831	Início de restrições ao tráfico negreiro.
1850	Lei Eusébio de Queiróz
1860-70	Retração da economia escravista no Espírito Santo.
1888	Abolição da escravatura.
Final do século XIX	Processo de “Aquilombamento” e estabelecimento de comunidades negras formadas por ex-escravos e seus descendentes.
1988	Edição da Constituição Brasileira no contexto da redemocratização. Introdução do conceito de patrimônio imaterial e preocupação em valorizar aspectos culturais de todos os grupos sociais.
2000	Regulamentação do conhecimento do patrimônio imaterial por meio do Decreto nº 3.551, de 04 de agosto.
2006	Início da salvaguarda do Jongo e Caxambu pelo IPHAN com os grupos inventariados, incluindo o Jongo de São Benedito da cidade de São Mateus.
2007	Registro do Jongo no Sudeste pelo IPHAN como patrimônio imaterial brasileiro.
2008	Criação do Pontão de Cultura do Jongo e Caxambu, em Niterói, por meio do IPHAN e da UFF.
2009	Realização do Encontro Capixaba de Jongo e Caxambu.
2012	Realização do Encontro Capixaba de Jongo e Caxambu.

² V-Jongo_Entrevista-Dona Canuta_Reis, Guilherme_Cachoeiro do Itapemirim-ES_03-05-2014_40m13s

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE

ES

01

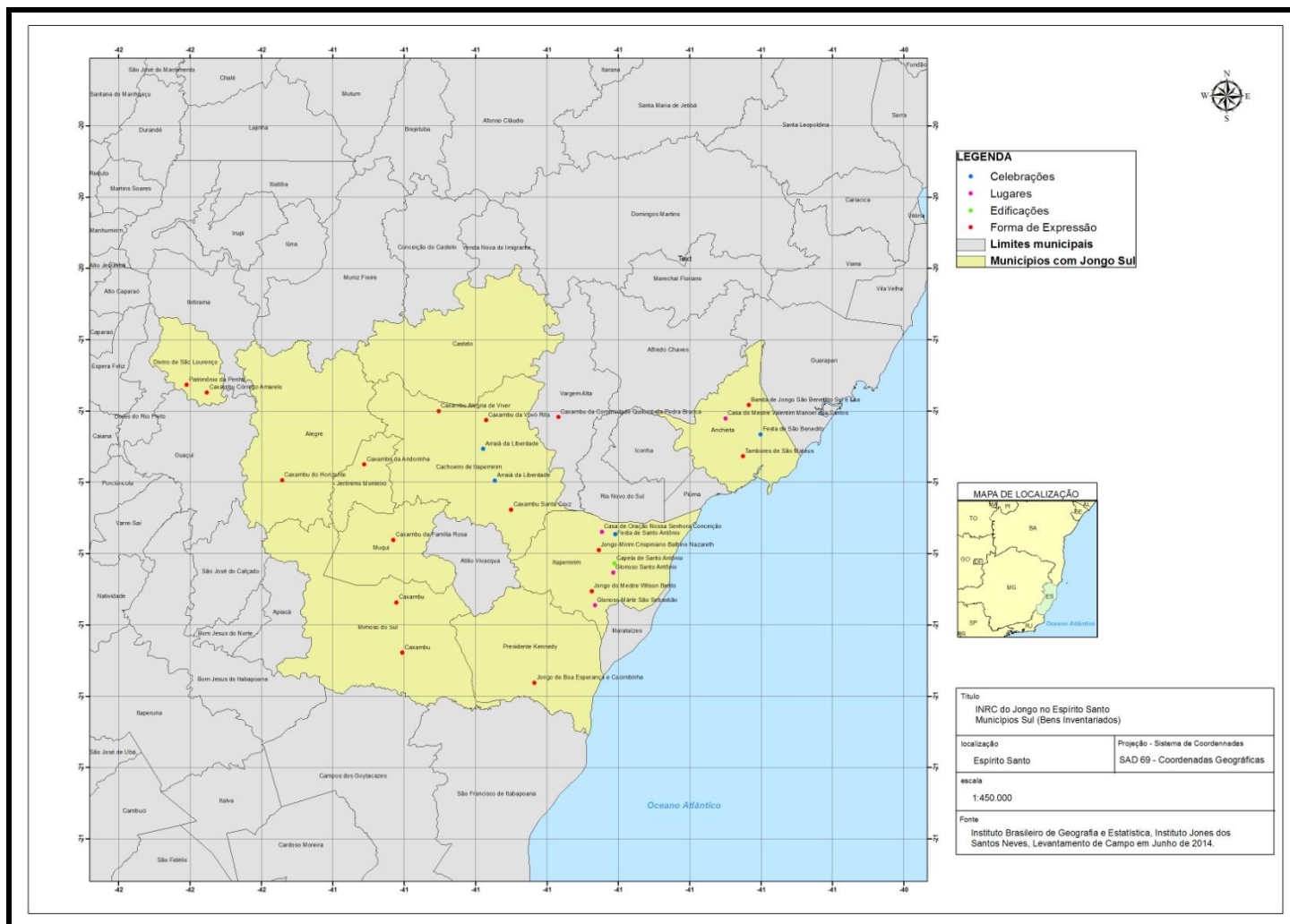
02

14

F11

01

6. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS



7. LEGISLAÇÃO

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL E PATRIMONIAL E DE PLANEJAMENTO

Constituição da República Federativa 1988: dispõe sobre a proteção aos bens culturais e os compromissos do poder público em sua conservação;

Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000: regulamenta o reconhecimento do patrimônio imaterial por meio do registro;

Decreto Estadual nº 626-N de 1975,: regulamenta o tombamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Espírito Santo.

Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003: define os parâmetros para identificação, reconhecimento, delimitação do território destas comunidades, bem como a titulação das terras por eles ocupadas, sob responsabilidade do INCRA, que pauta suas ações na Instrução Normativa 57, de 20 de outubro de 2009.

8. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

8.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

Observou-se entre os grupos da localidade Sul, assim como no Norte, que a salvaguarda é interpretada como a tutela

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				ES	01	02	14	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

do Estado sobre os grupos. Foram recorrentes os relatos sobre as necessidades financeiras dos grupos e a falta de ajuda dos governos (federal, estadual e municipal), ainda que tenha sido identificado o apoio dos governos locais, principalmente, na questão do transporte para que os grupos participem de eventos culturais e festejos religiosos dentro e fora dos municípios. Percebeu-se que os grupos pesquisados esperam apoio do IPHAN para a melhoria de suas condições materiais, como compra de uniformes, instrumentos, meios próprios de transporte, até aposentadoria para os mestres. Nesse sentido, pode-se elencar como um problema a falta de articulação entre dos grupos para a definição de demandas comuns e a busca por soluções em âmbito local, por exemplo, com parceria do IPHAN para mediar o contato com órgãos culturais municipais. Uma possibilidade, nesse sentido, seria contribuir com os grupos no contato com as Prefeituras Municipais e, também, com paróquias católicas para que fosse discutido um calendário de atividades e festejos religiosos em que os grupos pudessem se apresentar, como é de costume em certas datas de festas santeiras, como Santana e São Benedito, em Conceição da Barra e São Mateus, respectivamente.

8.2. RECOMENDAÇÕES

Recomenda-se a realização de encontros com os grupos de Jongo e Caxambu do Sul, assim como do Norte, para que sejam esclarecidos pontos referentes à salvaguarda e analisadas as demandas dos grupos no que se refere à sua continuidade e condições para sua existência, bem como seja esclarecido a parceria do IPHAN no processo de valorização dos grupos.

9. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: VER ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA

ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	ES 01 02 14 F1 A3 - Alegre
	ES 01 02 14 F1 A3 - Anchieta
	ES 01 02 14 F1 A3 - Cachoeiro do Itapemirim
	ES 01 02 14 F1 A3 - Castelo
	ES 01 02 14 F1 A3 - Divino de S Lourenço
	ES 01 02 14 F1 A3 - Itapemirim
	ES 01 02 14 F1 A3 - Jerônimo Monteiro
	ES 01 02 14 F1 A3 - Mimoso do Sul
	ES 01 02 14 F1 A3 - Muqui
	ES 01 02 14 F1 A3 - Presidente Kennedy
ANEXO 4: CONTATOS	ES 01 02 14 F1 A4 - Alegre
	ES 01 02 14 F1 A4 - Anchieta
	ES 01 02 14 F1 A4 - Cachoeiro do Itapemirim
	ES 01 02 14 F1 A4 - Castelo
	ES 01 02 14 F1 A4 - Divino de São Lourenço
	ES 01 02 14 F1 A4 - Itapemirim
	ES 01 02 14 F1 A4 - Jerônimo Monteiro
	ES 01 02 14 F1 A4 - Mimoso do Sul
	ES 01 02 14 F1 A4 - Muqui
	ES 01 02 14 F1 A4 - Presidente Kennedy

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	ES	01	02	14	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	F40 - ES 01 02 14 F40 01 – Caxambu da Velha Rita F40 - ES 01 02 14 F40 02 – Caxambu Alegria de Viver F40 - ES 01 02 14 F40 03 – Caxambu Santa Cruz F40 - ES 01 02 14 F40 04 – Caxambu de Castelo ou da Fazenda Santa Helena F40 - ES 01 02 14 F40 05 – Caxambu de Córregos Amarelos e Patrimônio da Penha F40 - ES 01 02 14 F40 06 – Caxambu da Associação Folclórica de Santo Antônio do Muqui F40 - ES 01 02 14 F40 07 – Caxambu da Andorinha F40 - ES 01 02 14 F40 08 – Tambores de São Mateus F40 - ES 01 02 14 F40 09 – Banda de Jongo de São Benedito Sol e Lua F40 - ES 01 02 14 F40 10 – Caxambu da Família Rosa F40 - ES 01 02 14 F40 11 – Caxambu do Horizonte F40 - ES 01 02 14 F40 12 – Jongo do Mestre Bento F40 - ES 01 02 14 F40 13 – Jongo Mirim Crispiniano Albino Nazareth F40 - ES 01 02 14 F40 14 – Jongo de Boa Esperança e Cacimbinha
--	--

10. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Bianca Pataro Dutra, Raul Lanari, Mariana Gonçalves Moreira e Guilherme Reis		
SUPERVISOR	Mariana Gonçalves Moreira, Bianca Pataro Dutra		
PREENCHIDO POR	Bianca Pataro Dutra	DATA 27/10/2014	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Ana Carolina Vaz Mariana Gonçalves Moreira		